Passos para a produção do artigo de opinião numa aula de língua portuguesa[1]

Adriana Cintra de Carvalho[2]
Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, SP

RESUMO
Este trabalho apresenta uma sequência didática desenvolvida por uma professora de língua portuguesa para ensinar o gênero jornalístico artigo de opinião a alunos de graduação do curso de jornalismo de uma universidade paulista, destacando-se as fases dessa sequência, os exercícios propostos aos alunos e as capacidades de linguagem desenvolvidas a partir desses exercícios. Não pretende, entretanto, defender essa sequência como única proposta, mas contribuir com a discussão de procedimentos metodológicos possíveis para o ensino do gênero artigo de opinião a partir de um modelo construído para esse gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros jornalísticos; ensino de gêneros jornalísticos; artigo de opinião; sequência didática.

1. Introdução

De acordo com os planos de ensino da maioria das faculdades no Brasil, cabe ao professor de língua portuguesa nos cursos de graduação criar um meio favorável para que seus alunos desenvolvam capacidades de linguagem indispensáveis para a produção e a leitura de textos relacionados às atividades profissional e acadêmica para as quais esses alunos estão se formando. Isso exige que o professor de língua portuguesa saiba transpor do nível teórico para o nível didático os conhecimentos científicos sobre esses textos. Seria mais ou menos assim: se o texto tal se configura de forma tal, o professor tem de desenvolver tais capacidades de linguagem nos alunos para que eles se apropriem de forma adequada do referido texto.

Assim tenho trabalhado, há cerca de quatro anos, no curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté. Desde que assumi a tarefa de ensinar língua portuguesa aplicada à produção de textos jornalísticos opinativos, venho tentando amenizar a considerável distância que existe entre os conhecimentos empíricos e os conhecimentos necessários para alguém produzir efetivamente um texto opinativo.

[1] Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC/SP; mestra em Linguística Aplicada pela UNITAU; professora pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UNITAU; professora do Departamento de Comunicação Social da UNITAU e da Faculdade Dehoniana.

Logo no início, encontrei a variabilidade ilimitada de sua manifestação concreta em diferentes gêneros de texto (reconhecidos e não-reconhecidos), o que, de imediato, introduziu problemas de ordem teórico-metodológica relacionados à definição particular de cada gênero, à sua classificação, à identificação de suas características centrais e das capacidades de linguagem que o produtor deveria desenvolver para se apropriar de cada um deles.

Diante disso, tive de elaborar conjuntos de atividades progressivas, planificadas, guiadas pelo propósito de interagir as aulas de língua portuguesa com as aulas de redação jornalística laboratorial tendo em vista o ensino de gêneros opinativos. A exemplo de Dolz e Schneuwly (1998), chamo de sequência didática esses conjuntos de atividades.

Para o ensino de cada gênero opinativo (artigo, resenha, crônica, entre outros), desenvolvi uma sequência didática diferente.

Mas, considerando a limitação espacial deste artigo, apresentarei apenas a sequência didática para o artigo de opinião propondo expressar algumas capacidades de linguagem que o jornalista em formação deve desenvolver para produzir esse gênero de texto jornalístico.

2. Fases da sequência didática desenvolvida para o ensino do artigo de opinião

2.1 Identificação do que o aluno já sabe sobre o artigo de opinião

Como procedimentos iniciais, ofereci aos alunos atividades de leitura que primavam mais pela indução. Por meio delas, o aluno comparou, percebeu semelhanças e diferenças, generalizou, estabeleceu relações entre textos opinativos e informativos, já que o jornalismo brasileiro nasceu e, por muitas vezes, carrega até hoje, essa dicotomia discursiva, conforme afirmam Rêgo e Amphilo (2010).

Exemplos de enunciados dessas atividades:

> a. “Quais dos quatro textos [uma notícia, uma reportagem, uma artigo e uma crônica] seguintes você classificaria como textos opinativos?”
> b. “Que características relacionadas ao conteúdo e à forma você observou nos textos para reconhecer os opinativos?”
> c. “Qual parece ter sido o objetivo principal dos autores dos textos opinativos?”

Depois, os alunos receberam diferentes formatos de textos opinativos para distinguir o artigo de opinião.

Exemplos de enunciados dessas atividades:

a. "Quem escreve cada um desses textos opinativos?"
b. "Para quem se destina cada um desses textos opinativos?"
c. "Em que esfera social se produz cada um desses textos opinativos?"
d. "Com que objetivo específico os autores produzem cada um desses textos opinativos?"
e. "Qual o conteúdo principal de cada um desses textos opinativos?"

2.2 Exploração sistemática dos vários elementos do gênero artigo de opinião que o aluno precisa aprender e das capacidades de linguagem que precisa desenvolver

Considerando que meus interlocutores podem entender opinião como um gênero – assim como o fazem Rego e Amphilo (2010) – e criar sentidos ambíguos para o que escrevo, defino, com base em (BRONCKART, 2003; 2006), *opinião* como uma das atividades linguageiras jornalísticas reconfiguradas em textos; *texto* como unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada, que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário e que se articula às necessidades, aos interesses, às condições de funcionamento das esferas sociais em que é produzida, organizando-se num gênero de texto, e, finalmente, *gênero de texto* como diferentes espécies de texto disponíveis no intertexto como modelos que apresentam características relativamente estáveis, porque estão em constante modificação, derivada não só das transformações das esferas sociais, mas também das transformações introduzidas pelos próprios produtores. Assim sendo, aqui, texto jornalístico opinativo é todo enunciado completo que materializa posicionamentos claros do produtor em relação a uma questão controversa e de relativa relevância social e que pode se apresentar sobre a forma do gênero artigo de opinião, dentre outros diferentes gêneros de texto opinativo, que Marques de Melo (2003) chamaria de formatos do gênero opinativo.

Feito isso, deixamos claro que a enumeração dos elementos do artigo de opinião que o aluno precisa aprender não foi exaustiva nem rígida, uma vez que o modelo adotado não é definitivo, mas que se encontra em processo contínuo de transformação. Para adotar determinado modelo, utilizaram-se referências teóricas diversas, de diferentes estudos sobre gêneros, como Bakthin (1992), Machado e Cristovão (2006),

Dolz (1996), Dolz e Schneuwly (1998) e sobre o gênero artigo de opinião, como Beltrão (1980), Carvalho e Puzzo (2003), Marques de Melo (2003), Souza (2003) e Rêgo e Amphilo (2010). E também se buscaram referências obtidas por meio da observação e da análise de práticas sociais que envolvem o gênero, junto a especialistas na sua produção.

A partir desses aportes, nós (meus alunos e eu) definimos artigo de opinião como um gênero de texto da esfera jornalística com objetivo de contribuir com a formação da opinião pública a partir da defesa de um posicionamento claro em relação a uma questão controversa e de relevância social. Quanto ao conteúdo temático e à sequência de organização textual, o artigo de opinião se assemelha ao editorial. Entretanto, o artigo de opinião torna-se diferente do editorial no que se refere ao tipo de discurso, ao estilo enunciativo e, entre outros aspectos do contexto de produção, à natureza da opinião que não é necessariamente do jornal.

O contexto de produção é um conjunto de representações que o autor do texto mobiliza porque exerce influência sobre a escrita. No caso do artigo de opinião, podemos levantar representações sobre os seguintes elementos:

- Produtor do artigo de opinião: pode ser um jornalista; um especialista ou, no mínimo, alguém que estuda aspectos da questão em discussão); um representante de determinada instituição social (como sindicatos, governos, universidades, ONGs, entre outras) que, de alguma forma tem algo a dizer sobre a questão. Em função disso, o autor busca construir uma imagem de si mesmo para seus leitores como alguém que tem conhecimento sobre o tema tratado, segue a lógica e tem argumentos sólidos para sustentar sua posição.

- Leitores do artigo de opinião: são pessoas que frequentemente leem determinado jornal ou revista e estão, de alguma forma, interessados em questão polêmica, seja porque as afeta diretamente, seja porque se interessam pela discussão dos assuntos em pauta na sociedade. Em nosso país, em que a leitura é praticada por poucos, pode-se dizer que os leitores de artigos de opinião fazem parte de uma elite sociocultural.

- Lugar de circulação do artigo de opinião: jornais e revistas impressos ou online.

- Objetivo: influenciar o pensamento dos destinatários, isto é, construir ou transformar (inverter, reforçar, enfraquecer) a posição desses destinatários sobre uma questão controversa de interesse social e, eventualmente, mudar o comportamento deles. Em suma, o artigo de opinião, apesar de escrito, pode ser visto como um diálogo com o pensamento do outro, para transformar suas opiniões e/ou atitudes.

Exemplos de enunciados de atividades:

> a. "Leia o texto a seguir, procurando levantar representações sobre:
> - o papel social do autor do texto;
> - o papel social dos interlocutores;
> - o papel social da esfera em que o texto é produzido;
> - os objetivos do texto;
> - o veículo de circulação".

Todo artigo de opinião traz uma questão controversa ou polêmica. Uma questão controversa é aquela para qual não há uma resposta única, isto é, perante ela é possível assumir diferentes posicionamentos, que devem ser sustentados com argumentação. Normalmente, esse tipo de questão surge a partir de algum fato acontecido e noticiado. Essa questão é o conteúdo temático do artigo de opinião. Conteúdo temático é aquilo que é dizível no gênero.

Exemplos de enunciados de atividades que foram realizadas no ambiente virtual da aula de língua portuguesa, no sistema *online*.

> a. "Veja um exemplo de questão controversa: "O Brasil deve permitir a livre produção de alimentos transgênicos?".
> Prove que essa questão é realmente controversa explicitando, pelo menos, dois posicionamentos possíveis e sustentando cada um deles com, pelo menos, um argumento.
> Em seguida, analise os posicionamentos e os argumentos de dois participantes do fórum, concordando ou não com eles.

As características da estrutura composicional do artigo de opinião, ou seja, da forma como esse gênero se apresenta linguisticamente, se dividem em dois níveis: organizacional (em que se veem o plano global, os tipos de discurso, os tipos de sequência e os mecanismos de textualização) e enunciativo (em que se veem as formas de inserção de vozes e as modalizações. Esses níveis superpostos e em parte interativos definem o que Bronckart (2003, p. 119) denomina de "folhado textual".

O plano global se refere à organização do conteúdo temático mobilizado; mostra-se visível no processo de leitura e pode ser codificado em um resumo. Por

exemplo, um artigo de opinião clássico geralmente se inicia com a constatação de um fato, seguida do levantamento de uma questão controversa que o fato suscita e do posicionamento do autor em relação a essa questão. Depois, como parte principal do texto, a argumentação que sustenta o posicionamento. Por fim, a conclusão, que retoma o posicionamento defendido.

Os tipos de discurso são segmentos de texto de estatutos diferentes (segmentos de exposição teórica, de relato, de diálogo, etc.), que são identificáveis, pois têm modos de organização sintática e marcação linguística relativamente estáveis (subconjuntos de tempos verbais, pronomes, advérbios, etc.), e que são dependentes do leque dos recursos morfossintáticos de uma língua e, por isso, limitados.

Nos tipos de discurso, encontramos a tradução dos mundos discursivos da ordem do expor e do narrar. A construção desses mundos se dá a partir de duas operações psicolingüísticas, que revelam uma decisão binária: pode-se escolher que as coordenadas que organizam o conteúdo tematizado sejam próximas (conjuntas) ou distantes (disjuntas) dos parâmetros físicos do contexto de produção, criando, assim, respectivamente um mundo da ordem do expor, expresso por verbos no presente do indicativo principalmente, ou do narrar, por verbos no pretérito perfeito ou imperfeito; pode-se também colocar as instâncias de enunciação do texto em relação com o produtor e sua situação de produção de forma implicada ou autônoma. A relação implicada será expressa pela presença de marcas do locutor/interlocutor ou da situação de produção, e a relação autônoma será expressa pela ausência dessas marcas. O resultado do cruzamento dessas decisões produz quatro mundos discursivos. Expor implicado, Expor Autônomo, Narrar Implicado, Narrar Autônomo. E esses mundos são expressos por quatro tipos de configurações lingüísticas, que são chamadas, respectivamente, de discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração, conforme visualizamos no quadro abaixo:

Quadro 1: Tipos de Discurso

		Coordenadas Discursivas	
		Conjunção	Disjunção
		EXPOR	NARRAR
Situação de produção	Implicação	Discurso Interativo	Relato Interativo
	Autonomia	Discurso Teórico	Narração

Fonte: Bronckart (2003, p. 157)

O discurso interativo, que traduz o mundo do expor, é implicado porque as instâncias de enunciação do texto estão concomitantemente relacionadas aos parâmetros físicos do contexto de produção textual – emissor, receptor, espaço e tempo. É marcado principalmente pela presença de formas verbais e de pronomes de primeira e de segunda pessoa do discurso (singular e plural), de verbos nos tempos presente pontual e futuro perifrástico, de verbos no modo imperativo e de dêiticos espaciotemporais (aqui, agora, hoje, ontem). Vejamos um exemplo clássico de discurso interativo marcado pela forma verbal de primeira pessoa do singular.

> Ex.: "O que mais **me dói** é saber que a impunidade continua sendo um dos motivos para o aumento da criminalidade".

Esse tipo de discurso não aparece no editorial, mas é comum no artigo de opinião. O discurso teórico, que também traduz o mundo do expor, é autônomo porque as instâncias de enunciação do texto não estão concomitantemente relacionadas aos parâmetros físicos do contexto de produção – emissor, receptor, espaço e tempo. Nele permanecem os verbos no presente, mas em um presente genérico duradouro, e desaparecem os dêiticos (eu, tu, aqui e agora) predominando as frases declarativas e surgindo eventualmente a voz passiva.

> Ex.: "A redução da maioridade penal pode diminuir o índice de criminalidade."

Esse tipo de discurso aparece sempre no editorial, mas pode ocorrer eventualmente no artigo de opinião quando ao autor quer mascarar a subjetividade.

O discurso relato-interativo, que traduz o mundo do narrar, é implicado porque as instâncias de enunciação do texto estão concomitantemente relacionadas aos parâmetros físicos do contexto de produção – emissor, receptor, espaço e tempo. Nele, predomina o par perfeito/ imperfeito nos verbos, numerosas unidades linguísticas referem-se diretamente às personagens dessa interação (eu e tu).

> Ex.: "**Ontem**, pela primeira vez, São Paulo **teve** de se recolher. Nenhuma alma viva **habitava** suas ruas. **Eu** também **me tranquei** em casa. Foi o dia que a locomotiva parou."

Esse é o tipo de discurso muito utilizado para constatar um fato que pode dar início à discussão de uma questão polêmica no artigo de opinião.

A narração, que ocorre traduz o mundo do narrar, é um tipo de discurso autônomo porque as instâncias de enunciação do texto não estão concomitantemente

relacionadas aos parâmetros físicos do contexto de produção – emissor, receptor, espaço e tempo. Assim, nenhuma de suas unidades linguísticas faz referência a esses parâmetros, e os verbos aparecem no pretérito perfeito e no imperfeito ou no presente perfeito com sentido de passado.

> Ex: A manifestação dos professores paralisou/paralisa o centro de São Paulo no dia 15 de outubro.

Esse é o tipo de discurso também é utilizado para constatar um fato que pode dar início à discussão de uma questão polêmica no artigo de opinião, sem que se expresse subjetividade.

As sequências de organização textual se caracterizam como "narrativas, descritivas, explicativas, argumentativas, narrativas, injuntivas e dialogais" (BRONCKART, 2003, p.217-248). E são construídas por fases, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro 2: Sequências, representações dos efeitos pretendidos e fases correspondentes

Sequências	Representações dos efeitos pretendidos	
Descritiva	Fazer o destinatário ver em detalhe elementos de um objeto de discurso, conforme a orientação dada a seu olhar pelo produtor.	Ancoragem Aspectualização Relacionamento Reformulação
Explicativa	Fazer o destinatário compreender um objeto de discurso, visto pelo produtor como incontestável, mas de difícil compreensão para o destinatário.	Constatação inicial Problematização Resolução Conclusão/Avaliação
Argumentativa	Convencer o destinatário da validade de posicionamento do produtor diante de um objeto de discurso visto como contestável (pelo produtor e/ou pelo destinatário).	Estabelecimento de: - premissas - suporte argumentativo - contra-argumentação - conclusão
Narrativa	Manter a atenção do destinatário, por meio da construção de suspense, criado pelo estabelecimento de uma tensão e subsequente resolução.	Apresentação de: - situação inicial - complicação - ações desencadeadas - resolução - situação final
Injuntiva	Fazer o destinatário agir de um certo modo ou em uma determinada direção.	Enumeração de ações temporalmente subsequentes.
Dialogal	Fazer o destinatário manter-se na interação proposta.	Abertura Operações transacionais Fechamento

Fonte: Machado (2005, p. 246-247)

Constamos que, no artigo de opinião, a sequência dominante é a argumentativa e que três movimentos básicos dão conta da arquitetura da argumentação:

- Sustentação: só se leva em conta a posição que se pretende defender, por meio do encadeamento de indícios, provas, argumentos que corroborem ou que se pretende afirmar. Diante de um público que acreditamos saber pouco a respeito das ideias que tentamos defender, pode ser mais eficaz não considerar posições contrárias e centrar-se apenas nas evidências que comprovam a tese que se quer defender. Dessa forma, a utilização do movimento de sustentação pode ser uma boa estratégia pois, ignorando outras posições possíveis, as teses ganham força de verdades absolutas.

- Refutação: busca-se a rejeição de uma tese defendida ou de argumento apresentados que sejam contrários à opinião do autor. Nesse caso, usa-se o que chamamos de contra-argumento.

- Negociação: incorpora-se parte do pondo de vista do outro, no aparente esforço de entendimento, mas na verdade esse recurso é só uma estratégia de enfraquecimento do que se apresenta como contrário ao que se quer defender. O uso da negociação pode ser visto como uma aparente "diplomacia" no uso da linguagem, mas na verdade, na maior parte das vezes, o que a negociação visa não é necessariamente um acordo entre as partes, mas sim um enfraquecimento de argumentos contrários aos defendidos pelo enunciador ou, no mínimo, uma concessão parcial que continua visando assegurar o que se pretende defender. Dessa forma, uma das construções típicas do movimento argumentativo de negociação seria a forma "é certo que x" (ou "podemos aceitar x"), mas y...

São várias as formas de organizar um artigo de opinião. Mas, em geral, os artigos de opinião contêm os seguintes elementos:

- Contextualização e/ou apresentação da questão em discussão.
- Explicitação da posição assumida.
- Utilização de argumentos que sustentam a posição assumida.
- Consideração de posição contrária e antecipação de possíveis argumentos contrários à posição assumida.
- Utilização de argumentos que refutam a posição contrária.

- Retomada da posição assumida e/ou retomada do argumento mais enfático.
- Proposta possibilidades de negociação.
- Conclusão (que pode ser a retomada da tese ou da posição defendida).

Exemplos de enunciados de atividades:

> a. "Leia atentamente o artigo de opinião "A geração www" do Pe. Zezinho e o trecho do artigo de opinião "Exclusão digital de Paulo Roberto Feldmann e explique por que podemos afirmar que neles existe o movimento argumentativo de negociação."

Nos artigos de opinião, os argumentos devem ser lógicos. Souza (2003) propõe a classificação dos argumentos lógicos em quatro diferentes tipos:

a) *argumento de autoridade*: a tese se sustenta pela citação de uma fonte confiável, que pode ser um especialista no assunto ou alguém de prestígio, ou pelos dados de instituições de pesquisa.

> Ex.: "A função da escola média não deve ser a preparação especializada para o trabalho e, ao contrário do que se possa pensar, essa não é uma ideia recente. No século passado, Einstein já se opunha à ideia de que a escola devesse ensinar conhecimentos ou técnicas específicas que uma pessoa fosse utilizar mais tarde na sua vida. Considerava que as exigências da vida são muito variadas para que a escola pudesse dar conta delas. Afirmava ser contra tratar um indivíduo como "ferramenta morta" e considerava, portanto, que a escola deveria ter como meta formar jovens com personalidade harmoniosa, com capacidade de pensar e com autonomia para julgar. Como brilhante cientista que era, antevendo o desenvolvimento tecnológico, sustentava que, se uma pessoa dominasse o fundamental na sua área de interesse e tivesse aprendido a pensar e a trabalhar de maneira autônoma, poderia se adaptar mais facilmente ao progresso e às mudanças e encontrar seu caminho na vida profissional, ao contrário de uma pessoa que tivesse tido um treinamento em um conhecimento especializado".

b) *argumento de princípio*: a justificativa é legítima, faz apelo a princípios, o que torna a conclusão quase que incontestável.

> Ex.: "Toda atitude racista deve ser denunciada e combatida, posto que fere um dos princípios fundamentais da Constituição Brasileira".

c) *argumento por causa*: a justificativa e a conclusão têm uma reversibilidade plausível.

> Ex.: "A redução dos impostos sobre o preço dos carros – IPI e ICMS – é uma medida que pode ajudar a combater o desemprego, pois, reduzindo o preço, as vendas tendem a crescer, o que provoca um aumento da produção, o que, por sua vez, garante os empregos.

d) *argumento por exemplificação*: a justificativa se remete a exemplos comparáveis ao que se pretende defender.

> Ex.: "Nos países que passaram a ter a pena de morte prevista no código penal – os Estados Unidos são um exemplo disso – não houve uma diminuição significativa do índice de criminalidade. Donde podemos concluir que a existência legal da pena de morte não inibe a criminalidade".

Esses quatro tipos de argumentos correspondem ao conjunto maior de argumentos lógicos dos quais o produtor deve se valer para sustentar uma tese num artigo de opinião.

Exemplos de enunciados de atividade:

> Observe, a seguir, uma série de argumentos que defendem posições sobre esta questão: "As cotas, nas universidades, para negros e para alunos que cursaram a escola pública são uma medida acertada?". Classifique esses argumentos em (1) argumento de autoridade; (2) argumento de princípio, (3) argumento por causa ou (4) argumento por exemplificação. Depois de responder todas as questões, clique em enviar tudo.

Apesar da eventual heterogeneidade da organizarão textual, que pode ser formada de mais de um tipo de discurso ou de mais de uma sequência ao mesmo tempo, a coerência temática dos textos, segundo Bronckart (1997a/2003) pode ser assegurada pelos mecanismos de textualização.

Os mecanismos de textualização estão fundamentalmente articulados à linearidade do texto e se constituem pelos mecanismos de coesão nominal, de coesão verbal e de conexão. Os mecanismos de coesão nominal introduzem as unidades de informação nova e asseguram as suas retomadas por meio de unidades ou processos anafóricos. Os mecanismos de coesão verbal organizam a temporalidade dos processos (estados, acontecimentos, ações) mencionados no texto, por meio de séries de terminações verbais ou de unidades temporais associadas (advérbios ou grupos preposicionais). Os mecanismos de conexão marcam as articulações da progressão temática por meio de séries de organizadores textuais, que ordenam as partes da representação discursiva nos eixos do tempo e do espaço (caso dos organizadores espaciais e temporais) ou estruturam a progressão do texto e a identificação de suas diferentes partes (caso dos enumerativos, dos marcadores de mudança de tópico e dos marcadores de ilustração e exemplicação), e os organizadores argumentativos, que servem para estabelecer relação de sentido (causa/consequência, contraste, conclusão, etc.) entre orações e os enunciados (caso das conjunções).

Exemplo de enunciado de atividade:

a. Indique quais dos organizadores textuais abaixo são mais adequados para cada
lacuna do texto:

portanto – introduz conclusão
além disso – acresce argumento
também – acresce argumento
pois – introduz argumento
mas – introduz uma ideia na direção contrária do que é afirmado antes.

"A habitação é um dos grandes problemas dos centros urbanos. Não é preciso andar muito por uma cidade como São Paulo para que vejamos favelas precárias e pessoas dormindo na rua ou embaixo de pontes ou viadutos. Em relação a isso, há certas ideias que vão sendo disseminadas por determinados grupos com interesses específicos que acabam sendo aceitas como verdades. Uma delas é a de que o problema da habitação seria resolvido com a construção de casas populares,_____ a melhor solução para esse problema é a construção de prédios populares de apartamento, _____ os edifícios custam menos do que as casas epossibilitam que um número maior de pessoas possa morar num mesmo terreno._____, com a construção de prédios, há uma economia nainstalação de redes de esgoto e de luz e os gastos podem ser divididos.É preciso considerar _____ que edifícios possibilitam mais segurança por um preço menor, pois gastos podem ser divididos por todos os moradores. _____, ainda que alguns arquitetos defendam a construção de casas populares, a forma mais econômica de resolver o problema da moradia é a construção de prédios de apartamentos."

O nível enunciativo do texto, segundo Bronckart (2003) é constituído pelos mecanismos de enunciação, que contribuem para dar ao texto sua coerência pragmática (ou interativa). Eles consistem, primeiro, na construção de uma instância geral de gestão do texto, que alguns teóricos chamam de narrador ou de enunciador, instância à qual o autor empírico do texto confia a responsabilidade sobre aquilo que vai ser enunciado. A partir dessa instância é que se dá a distribuição das vozes que são "ouvidas" no texto (vozes de personagens, de instâncias do próprio autor, instâncias contrárias ao autor, traduzidas por formas pronominais, sintagmas nominais, pessoas do verbo, índices de pressuposição, etc.), e, a partir dessas vozes, eventualmente se manifestam avaliações (julgamentos, opiniões, sentimentos) sobre determinados aspectos do conteúdo temático, que são marcadas por modalizações de enunciados.

Mesmo sem nenhuma unidade linguística que marque as modalizações, há um "grau zero" da modalização do enunciado, que é o da simples asserção, positiva ou negativa, que se apresenta como uma constatação pura, por meio da qual a instância enunciativa apresenta a proposição enunciada como sendo uma verdade incontestável: "Não existe ensino sem o professor". É o caso do editorial. No artigo de opinião, a voz do enunciador está explícita.

Exemplos de enunciados de atividades:

> Geralmente, um artigo de opinião não traz só a voz de quem escreve, mas outras vozes que também "falam pela boca do autor". Ele costuma "conversar" com pessoas que pensam de uma determinada forma , concordando com elas ou discordando delas. Assim, para compreendermos de fato um artigo de opinião, é preciso prestar atenção a essas "conversas" (que, muitas vezes, nos remetem a outros textos). Isso posto, leia agora o artigo "Hip Hop em legítima defesa" de Preto Ghóez procurando
> a. identificar, além dos leitores e geral, com quem o autor do texto "conversa" e que perspectiva (concordância ou discordância) a conversa assume;
> b. dialogar com o autor concordando ou discordando dele;
> c. identificar presença ou ausência de modalizações de enunciados e o efeito de sentido que isso traz.

2.3 Reescritura do texto:

Para identificar as capacidades de linguagem que o aluno precisa desenvolver, o professor solicitou que cada um fizesse uma produção diagnóstica de um artigo de opinião, cujo produto foi visto como ponto de partida para a seleção de atividades trabalhadas com os alunos na segunda fase da sequência didática. Ao final dessa fase, os alunos tiveram de reescrever seus artigos com base nos seguintes critérios:

- Adequação do título: o título deveria antecipar, de alguma forma, a tese defendida.
- Adequação do texto ao contexto de produção de linguagem: o público-alvo se constituiria pelos leitores de uma revista de atualidades e variedades destinada a jovens. Como autor, o aluno deveria se colocar como alguém que discutisse a questão racionalmente, considerasse o leitor e o veículo de publicação do texto.
- Estrutura do texto: o texto deveria conter uma contextualização adequada da questão discutida; explicitação da posição defendida perante a questão; argumentos para defender a posição assumida, e conclusão adequada.
- Argumentação: o texto deveria apresentar seleção de informações relevantes; emprego adequado de organizadores textuais, e uso adequado de movimentos argumentativos (sustentação, negociação ou refutação).
- Adequação do texto às normas gramaticais.

3. Considerações finais

Mesmo tomando um modelo preexistente de artigo de opinião, a produção textual não foi uma reprodução exata desse modelo. Uma vez que as situações de ação da linguagem são sempre diferentes, o produtor adaptou o texto aos valores particulares da situação em que se encontra e a seu estilo particular.

O professor exerceu o papel de mediador entre o aluno e os conhecimentos sistemáticos do gênero, por meio da seqüência didática que desenvolve. O processo de apropriação e adaptação foi o aluno que realizou, quando acreditou que necessitava aprender aquele gênero para aperfeiçoar suas atividades linguageiras.

A reescritura do artigo de opinião foi imprescindível como autoavaliação, e as demais atividades da seqüência didática puderam criar os critérios para a reescrita do texto final.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo.** Porto alegre: Sulina, 1980.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

_____. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC, 2003.

CARVALHO, A. C. ; PUZZO, M. B. Textos opinativos: uma questão de gênero. **Ciências Humanas**, Taubaté, SP, v.9, n.2, p.155-160, jul./dez. 2003.

DOLZ., J. Un decálogo para enseñar a escribir. **Cultura y educación**, n. 2, S.1.,1996.

_____ ; SCHNEUWLY, B. **Pour un enseignement de l'oral. Initiation aux genres à l'école**. Paris:ESF, 1998.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER *et al.* (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola. 2005. p.237-259.

_____ ; CRISTOVÃO, V. L. L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 6. número especial, set./dez. 2006.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo:** gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

RÊGO, A. R.; AMPHILO, M. I. Gênero Opinativo. In: MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade metodista de São Paulo, 2010.

SOUZA, L. V. de. **As proezas das crianças em textos de opinião.** Campinas-SP: Mercado de Letras, 2003.